



## **CORPOS EM PROTESTO: ANÁLISE DISCURSIVA DO MOVIMENTO FEMEN**

Fernanda Pereira<sup>1</sup>

Em uma sociedade já habituada à luta histórica dos movimentos feministas por igualdade de direitos e na qual o corpo (tanto masculino quanto feminino) é explorado comercialmente pela mídia, diariamente, parece estranho que a exposição do corpo feminino (semi)nu em protestos, seja vista de forma ofensiva e negativa. O grupo feminista FEMEN, que luta contra o patriarcado em suas três formas (materializadas, segundo o grupo, na exploração sexual da mulher, nas ditaduras e nas principais religiões), é alvo de agressões, durante seus protestos, por expor seus corpos (semi)nus. Por meio da identificação dos elementos utilizados pelas manifestantes em seus protestos e da análise dos enunciados que vestem seus corpos, objetiva-se compreender como a memória discursiva é retomada, produzindo sentidos. Assim, pretende-se com esta pesquisa compreender os processos discursivos que possibilitam a produção desses efeitos de sentido, e como o corpo nu se constitui como materialidade discursiva, deslocando os corpos das manifestantes do ideal de feminilidade (Kehl, 2016) construído ao longo do século XIX e que ressoa ainda no século XXI.

O FEMEN surge na Ucrânia em 2008 para protestar contra a exploração sexual existente no país. No início, o grupo se manifestava de forma tradicional, sem tirar a roupa, mas, foi pela estratégia de protestarem seminuas, que o FEMEN conseguiu a atenção que desejava. A partir de 2012, o movimento se internacionaliza, e atualmente está presente em diversos países da Europa, nas Américas e também em alguns países muçulmanos como Turquia e Tunísia.

Por meio da análise de imagens de três protestos do grupo, os quais questionam o controle exercido sobre os corpos femininos (de mulheres) pelas principais religiões do mundo ocidental, busca-se compreender como o corpo feminino nu, quando utilizado como veículo de protesto, produz efeitos de sentido que rompem com a formação discursiva (FD) (Pêcheux, 1983) vigente que determina o que pode e deve ser uma mulher, dentro dos ideais que persistem na sociedade. Nesse sentido, o corpo nu, quando utilizado para denunciar e questionar práticas de controle sobre o corpo da mulher, produz o desconforto, o estranhamento, a ruptura com esses discursos tão estabilizados na memória da sociedade.

O grupo feminista tornou-se objeto deste trabalho, devido a uma inquietação que surgiu durante a exibição de um documentário<sup>2</sup> sobre sua história: por que a exposição do corpo feminino nu, em protestos, na sociedade atual, ainda desperta tanta agressividade? A fim de se responder a essa pergunta, escolheu-se a AD francesa como perspectiva teórica de análise, devido ao seu caráter

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração em Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – *Campus* de Cascavel, sob a orientação da Professora Dra. Dantielli Assumpção Garcia. Email: fpereir@gmail.com.

<sup>2</sup> Documentário “*Nos seins nos armes*” produzido pela TV francesa, exibido no Brasil pelo canal GNT sob o nome “As Guerreiras do FEMEN”, em março de 2014. Disponível em: <https://goo.gl/D5mCix>. Acesso em: 24 abr. 2017.



materialista acerca da língua, da história, e do discurso, associado a uma visão psicanalítica da subjetividade, permitindo ir além daquilo que está na superfície, além do que está escrito, demonstrado nos protestos.

O *corpus* deste trabalho é composto por imagens de 3 (três) protestos do grupo FEMEN, os quais envolviam a questão do controle do corpo feminino motivado pela discursividade religiosa. A imagem 1 retrata um momento do primeiro protesto analisado, “A *Sharia* não é uma constituição”, realizado em 2012 pelo FEMEN, contra a proposta de institucionalização da *Sharia*, no Egito, em frente a embaixada do Egito, em Estocolmo na Suécia.

Imagem 1 - Contra a adoção da *Sharia* no Egito, 2012



Disponível em: <https://goo.gl/HKzaN6>. Acesso em: 28 set. 2017.

Apesar de ter se constituído a partir de imaginários da Idade Antiga, a FD religiosa<sup>3</sup> dominante durante a Idade Média contribuiu para consolidar e propagar discursividades acerca do feminino, com uma visão da mulher como inferior ao homem, determinada por sua natureza física, condenada a redimir os pecados da humanidade por meio do sofrimento do parto e da maternidade. Dentro dessa perspectiva, a sexualidade feminina, o corpo feminino, estiveram cercados por imaginários de magia, de algo nocivo, passível de adestramento e dominação (DEL PRIORE, 1997).

Durante o século XVIII, o Iluminismo, com um discurso de valorização da autonomia do sujeito, libertando-o da religião, resultou em uma onda de revoluções, como a Francesa, na qual as mulheres vislumbraram a possibilidade de terem direitos e oportunidades iguais aos dos homens. A ruptura provocada por esse acontecimento resultou em um desajuste entre o real do corpo feminino e o ideal de feminilidade (construído durante o séc. XIX a partir de perspectivas masculinas – Kehl, 2016). Dito de outra forma, a mulher, frente a possibilidade de ser um pouco daquilo que o homem do séc. XIX era, não conseguia mais assumir os lugares e as posições sujeito que o discurso lhe impunha. Ou seja, é a falha questionando, provocando a ruptura com o ritual que determina o que

<sup>3</sup> Neste trabalho, entende-se como FD religiosa o todo complexo de discursos religiosos que compõem esta FD, e que determinam o que pode e deve ser dito, o pensamento, o comportamento, e os papéis dos sujeitos.



pode ser uma mulher, como deve parecer fisicamente, como deve se comportar, o que deve falar, pensar, almejar. A falha, ao longo da história, possibilitou o surgimento de ações que questionavam todo esse controle, toda essa dominação, culminando no surgimento de um Acontecimento Discursivo (Pêcheux, 2015), o complexo de FDs feministas que viabilizaram diversas manifestações como, por exemplo, o grupo FEMEN. Assim, as posições sujeito (ou as formas de identificação do sujeito com a FD que o interpela – Pêcheux, 2014), que a mulher poderia assumir passam a ser outras, além daquelas limitadas e determinadas por esses ideais de submissão e passividade.

A imagem 2, a seguir, corresponde ao segundo protesto analisado, realizado pelo grupo em Paris, contra a reforma na lei do aborto na Espanha em 2014.

Imagem 2 - Pelo direito ao aborto – Paris, 2014



Disponível em: <https://goo.gl/hbf4rr>. Acesso em: 24 abr. 2017.

Para os sujeitos inseridos em uma FD religiosa, os corpos nus das manifestantes, os símbolos e as cores que remetem à liberdade sexual da mulher, e os textos registrados em tons agressivos e incisivos, retomam a memória medieval daquele corpo que precisava ser adestrado, controlado, pela religião a fim de cumprir com o seu papel divino da maternidade, afastando-se da luxúria e da feitiçaria, comportamentos que para FD religiosa representam o demônio e as forças do mal.

O corpo, quando usado como meio para questionar práticas sociais existentes na sociedade, assim como o discurso verbal, fílmico ou imagético, se constitui como materialidade discursiva. Para a AD, existem o real da língua, o real da história, e o real do sujeito, como aquilo que irrompe, aquilo que falha e que produz, portanto, a ruptura por meio de efeitos de sentido inesperados. O corpo, quando faz ou mostra aquilo que não é esperado, que não é determinado, também apresenta um real. Dessa forma, pode-se pensar, segundo Ferreira (2011) em um real do corpo, ou corpo discursivo, como o impossível de ser simbolizado, mas que de alguma forma se faz presente. O deslizamento dos enunciados dos cartazes dos protestos para os corpos das manifestantes



representa, segundo Orlandi (2004), uma forma de se dar mais poder a esses corpos. Pois, mergulhados em um espaço visível, discursivamente saturado, os sujeitos têm a necessidade de materializar seu discurso no corpo, transbordando a linguagem, trazendo à superfície da pele todo o controle exercido pelos Aparelhos Ideológicos e Repressivos do Estado (AIEs), sobre o corpo feminino. São esses aparelhos (família, escola, instituições do Estado, sistema jurídico, polícia, instituições religiosas, etc.), que para a AD, que se incumbem de formatar a mulher para que aceite como “verdadeiro” e se adecue ao status quo de feminilidade, garantindo a manutenção do complexo de Formações Ideológicas que se materializam em formações discursivas.

O terceiro protesto analisado, representado na imagem 3 abaixo, foi realizado no Canadá em 2016, em frente à loja da Dolce & Gabbana, contra o lançamento da linha de véus e túnicas de luxo da marca.

Imagem 3 - Contra o uso do véu muçulmano (hijab) – Canadá, 2016



Disponível em: <https://goo.gl/P1qJvj>. Acesso em: 24 abr. 2017.

Ao optar pela materialidade corpórea, o FEMEN possibilita uma outra forma de circulação para seu discurso, levando-o a outros espaços, produzindo sentidos inesperados, pois esses corpos estariam deslocados de seus “lugares” determinados pela ação dos AIEs. Dessa forma, o efeito de sentido produzido pelos três protestos analisados é de não lugar, de estranhamento, de denúncia, de um desajuste entre o corpo feminino e o discurso ainda reproduzido sobre a feminilidade em diferentes áreas da sociedade.

Nesse sentido, os corpos das manifestantes do FEMEN estariam fora do “lugar” em diferentes aspectos. Fora de seu lugar físico, ou seja, corpos sem a vestimenta apropriada em lugares considerados sagrados ou públicos. Corpos femininos em espaços predominantemente masculinos como nos espaços públicos de países islâmicos. Corpos femininos nus fora de seu lugar de exploração comercial habitual como em bordéis, ou anúncios comerciais de bens de consumo. Ou



apenas o corpo feminino, fora do seu “lugar” definido pela sociedade patriarcal, ou fora do ideal de feminilidade construído a partir de uma perspectiva masculina (KEHL, 2016).

O corpo feminino nu, reivindicando o controle de sua sexualidade, estaria fora do lugar “natural” destinado à mulher, desvinculando-a do papel da maternidade. Um corpo em posição de enfrentamento, com as pernas afastadas e os braços levantados com os punhos cerrados, gritando frases agressivas, que se desloca para fora do padrão de docilidade, submissão e passividade desse ideal de feminino, construído ao longo do século XIX e que permanece até os dias de hoje.

Ou seja, esses corpos deslocados do “lugar” que lhes é determinado pelos diferentes discursos reproduzidos pela sociedade atual, provocam o estranhamento, anunciam desigualdades propagadas historicamente, reivindicam mudanças na estrutura atual. Desta forma, o protesto do grupo FEMEN desloca os corpos das manifestantes para fora do lugar (tanto físico, quanto ideológico) que é determinado pela FD, ainda predominante, acerca daquilo que é ser mulher, acerca do que é permitido, aceito ou proibido para o corpo feminino. Nesse sentido, o corpo nu representaria aquilo que falta no sujeito, permitindo a emergência de falhas no ritual de interpelação ideológica, constituindo a resistência. Dito de outra forma, o corpo nu, quando aparece como um equívoco (fora do lugar em que é habitualmente esperado), é o ponto no qual a interpelação falha, o ponto no qual este corpo não é mais aquilo que pode e deve ser “dito”, mas sim aquilo que ele é: o real do corpo feminino.

## REFERÊNCIAS

- DEL PRIORE, Mary. Mágia e Medicina na Colônia: o corpo feminino. (p.78 a 113). In: DEL PRIORE, Mary (org.) e BASSANEZI, Carla (coord. de textos). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997.
- FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O discurso do corpo. In: MITTMANN, Solange; SANSEVERINO, Antônio Marcos Vieira. (Orgs.) Trilhas de investigação: A pesquisa no I. L. em sua diversidade constitutiva. Porto Alegre: Instituto de Letras / UFRGS, 2011.
- KEHL, Maria Rita. Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- ORLANDI, P. Eni. Cidade dos Sentidos. Campinas: Pontes, 2004.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). (p.61 a 96). In: GADET, Françoise & HAK, Tony. Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. (Trad. Bethânia S. Mariani et al.). 2.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.
- PÊCHEUX, Michel. A Forma-Sujeito do Discurso. (p. 145 a 168). In: PÊCHEUX, Michel. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. (Trad. Eni Puccinelli Orlandi et al.). 5.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.
- \_\_\_\_\_. O Discurso: Estrutura ou acontecimento? Trad. Eni Puccinelli Orlandi. 4. ed. Campinas / SP: Pontes Editores, 2015.